

# QUE TIPO DE SUPERVISÃO EM CLÍNICA HUMANISTA – PSICODRAMÁTICA QUEREMOS? EU, VOCÊ, NÓS!

Lucio Guilherme Ferracini<sup>1</sup>

Amanda Oliveira Silva<sup>2</sup>

Lucia Ellen dos Santos de Almeida<sup>3</sup>

Nayara da Paz Santos<sup>4</sup>

## RESUMO

O espaço da Supervisão em Psicologia configura-se em ponte entre a teoria e a prática do desenvolvimento do papel de psicólogo. Constitui o rito de passagem de acadêmicos para futuros profissionais. Um local de mediação, orientação e acolhimento às angústias, temores, descobertas, frustrações dos estágios. O presente relato de experiência busca apresentar a discussão, fruto da vivência de três estagiárias (uma no nono semestre e duas no décimo semestre) e um supervisor da Clínica Humanista, articulada com o Psicodrama. O processo de ensino-aprendizagem parte da criação de um ambiente que considera a primazia na criação de vínculo, em que participantes individuais transformam-se em um grupo de dedicação à formação humana e técnica de todos. O cuidado na atenção aos pacientes ou clientes, inicia-se no encontro, entre o grupo, de forma empática. O psicodrama contribui com seu olhar que considera as situações de incertezas presentes nas relações humanas, neste caso, acadêmica, e no ambiente de atendimento supervisionado, onde a capacidade espontâneo-criativa, e a participação ativa tornam-se necessárias. As discussões ocorrem por meio da ação dramática e reflexão que valorizam as (inter)subjetividades presentes, como potencial transformador ao invés de constantes ideias universalizantes e descontextualizadas. Considera-se o ser humano (estudantes-pacientes-supervisor) dentro de um contexto sócio-histórico-cultural, destacando sua dimensão psicossocial, amparado por princípios éticos para o enfrentamento de situações de adoecimento, geradas por condições de preconceitos e violência a ser atenta e combatida por essa profissão em direção a uma sociedade justa, com pessoas em melhor qualidade de vida e de saúde, dentre elas a mental e a relacional.

**Palavras-chave:** psicologia clínica; humanismo; psicodrama; ensino; ética profissional.

## RESUMEM

El espacio de Supervisión en Psicología se configura como un puente entre la teoría y la práctica del desarrollo del rol del psicólogo. Constituye el rito de paso de los académicos a los futuros profesionales. Un lugar de mediación, orientación y acogida de las angustias, miedos, descubrimientos, frustraciones de las prácticas. El presente relato de experiencia busca presentar la discusión, resultado de la experiencia de tres pasantes (uno en el noveno semestre y dos en el décimo semestre) y un supervisor de la Clínica Humanista, articulado con Psicodrama. El proceso de enseñanza-aprendizaje parte de la creación de un ambiente que considera la primacía en la creación de vínculos, donde los participantes individuales se convierten en un grupo dedicado a la formación humana y técnica de todos. El cuidado en el cuidado de los pacientes los clientes comienza con el cuidado, con el encuentro, entre el grupo de manera empática. El psicodrama aporta con su mirada que considera las situaciones de incertidumbre presentes en las relaciones humanas, en este caso académicas y en el ámbito de la atención supervisada, donde se hace necesaria la capacidad espontánea-creativa, la participación activa. Las discusiones se dan a través de la acción dramática y la reflexión que valoran las (inter)subjetividades presentes,

---

<sup>1</sup> Psicólogo psicoterapeuta psicodramatista, Professor-Supervisor do Curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas-FMU, São Paulo/SP e Cursos de formação em Psicodrama. E-mail: lucio.ferracini@fmu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0628-5073>

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas-FMU, São Paulo/SP. E-mail: oliveiramanda052@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas-FMU, São Paulo/SP. E-mail: luciaellen@gmail.com

<sup>4</sup> Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas-FMU, São Paulo/SP. E-mail: luciaellen@gmail.com

como potencial transformador em lugar de ideias universalizantes e descontextualizadas constantes. O ser humano (estudantes-pacientes-supervisor) é considerado dentro de um contexto socio-histórico-cultural, destacando sua dimensão psicossocial, sustentada em princípios éticos para o enfrentamento de situações de enfermidade, geradas por condições de preconceito e violência para ser atentos e combatidos por esta profissão para uma sociedade justa, com pessoas com melhor qualidade de vida e saúde, incluindo a saúde mental e relacional.

**Palabras clave:** psicologia clínica; humanismo; psicodrama; enseñanza; ética profesional.

## INTRODUÇÃO

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's), a formação em Psicologia tem a duração mínima de cinco anos, sendo o estágio um espaço importante de expressão concreta dos princípios éticos e conhecimentos desenvolvidos, articulando formação, pesquisa e extensão, pressupostos desta revista científica. O estágio clínico em Psicologia é um dos importantes momentos na formação do futuro psicólogo, servindo de aquecimento para o exercício profissional dos acadêmicos. Constitui a etapa em que o processo de ensino-aprendizagem se converte na prática, na relação de papéis complementares, entre psicoterapeutas em formação e pacientes/clientes (Brasil, 2023; Conselho Federal de Psicologia, 2013).

O locus de mediação, orientação, acolhimento, reflexão entre a preparação dos anos anteriores e a prática clínica se dá na supervisão, na relação entre estudantes-estagiários e supervisor. Como destaca Perazzo (2010, p. 252): “Constitui como ponte bem pavimentada entre teoria, prática e revestimento pessoal, a serviço da espontaneidade e criatividade [...] no sentido de construção de uma agilidade técnica que, aliada a uma atitude de compartilhamento profundo, costure um caminho de acolhimento que resulte num movimento e múltiplo de libertação existencial”.

A abordagem, aqui denominada Humanista-Psicodramática, considerada em sua origem como duas vertentes: Humanista e Psicodrama que estabelecem significativa afinidade em sua epistemologia. Jonathan D. Moreno (2016), filósofo e historiador, apresenta em sua obra *Impromptu Man*, uma interessante aproximação entre o trabalho pioneiro do criador do Psicodrama com o pensamento Humanista. Ele sublinha conceitos como o Encontro (uma relação interpessoal profunda, em que os envolvidos experienciam um ao outro), a Escolha, Preocupação com a autenticidade pessoal e a Consciência como elementos comuns entre as abordagens. Também descreve as intercessões intelectuais entre autores dessas correntes.

Entre eles, alguns que foram influenciados pela teoria e/ou prática psicodramática: Victor Frank (2017), o qual desenvolveu um método com base no psicodrama e suas sessões sobre o sentido da vida chamado Logodrama; Martin Buber, como aponta Fonseca (2020) em seus estudos sobre uma extensa pesquisa realizada pelo psicoterapeuta austríaco rogeriano Robert Wald. Este último, conclui que o trabalho de Buber sobre a filosofia dialógica pautada no lema Eu-Tu, reconhecida por diversos humanistas, recebeu grande contribuição do conceito de Encontro desenvolvido por J. L. Moreno e não o contrário.

Também Carl Rogers e Moreno tiveram contatos importantes, embora com independência na construção de suas abordagens, demonstram serem compatíveis entre si, compartilhando temas como aqui-agora e o encontro entre psicoterapeuta e pacientes/clientes. Como afirma Moreno, J D. (2016, p. 224): “Ambos compartilhavam atitudes que se tornaram destaque na nova psicologia humanista”. Acrescenta ainda que Moreno lecionou, por diversas vezes, na Universidade de Chicago a convite de Rogers. E complementa que “Maslow, também trouxe muitas vezes suas aulas de psicologia para participar das apresentações de psicodrama Moreno” (2016, p. 225).

No entanto, assinala que, enquanto a visão humanista tende a privilegiar o potencial humano individual, o Psicodrama preza sua atenção ao caráter social: ao mesmo tempo psicológico e sociológico, constituindo-se numa terapia social, marcando com ponto de destaque a distinção entre as concepções.

Por outro lado, diversos estudiosos na atualidade tendem a considerar a atualização da visão epistemológica, de que o binômio Humanista-Psicodrama deixou de existir dado o alinhamento de cuidado à pessoa como ser de relação. Barduke (p. 2019, p.13) chega a definir: “O Psicodrama é uma psicoterapia humanista cujo objetivo é desenvolver a capacidade de percepção e compreensão do indivíduo em suas relações interpessoais e grupais”. Para Oliveira (2022) as abordagens como Psicodrama (Moreno), Centrada na Pessoa (Rogers), Gestalt Terapia (Perls), Logoterapia (Frankl), são fenomenológico-existenciais-humanistas, pois têm uma visão de pessoa consciente, de afetividade. A relação psicoterapêutica é baseada na autenticidade de forma empática, compreensiva e de aceitação. Não se busca fornecer orientações, nem interpretações, mas valorizar a potencialidade, escolhas pelo caminho a ser trilhado. Não é incomum a dificuldade de compreensão dos estagiários que optam por essa forma de supervisão, mantendo a visão apreendida pela concepção psicanalítica ou comportamental. Ou ainda assumir um papel, nomeado por uma paciente minha de “psicólogo palestrina”, como aquele profissional que sabe tudo sobre o

outro que busca um atendimento, e em poucos minutos de conversa, quer transformar a psicoterapia em uma aula ou debate conceitual dos sentimentos do outro. Tal profissional ou acadêmico tende a mascarar sua própria pressa e impaciência em transformar o sofrimento, em “case de sucesso”, afinal de contas num mundo “instagramável”, temos uma imagem, e, às vezes, só imagem a zelar. Ou mesmo a busca em transformar seu trabalho em uma psicoterapia “de resultados, da prosperidade”, em que a ética do cuidado anda fora de moda.

Ainda na direção de unificação humanista-psicodramática, Martins enfatiza, no contexto socioeducacional, a valorização das experiências e vivências dos próprios estudantes como componentes norteadores do processo de ensino-aprendizagem de caráter fenomenológico.

Não é proposta deste escrito esgotar as discussões sobre uma resposta única; seja de independência entre “as abordagens” ou torná-las sinônimos. Como bem alerta Adiche (2009, p.13) sobre o perigo da versão única, que impõe uma forma de poder da verdade, anulando as demais. “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”.

O mais importante, neste momento, é propiciar a reflexão e ter como alternativa, de que o estudo e a prática desse binômio são possíveis, trazendo contribuições nos ambientes educacionais da supervisão, como na prática clínica da psicoterapia, dentro de contornos éticos, sem interlocuções racistas, misóginas, capacitistas e homofóbicas, como descritas no código de ética profissional do psicólogo (Conselho Federal de Psicologia, 2005, p. 9-10).

Art. 2º – Ao psicólogo é vedado: a) Praticar ou ser conivente com quaisquer atos que caracterizem negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão.

[...]

e) Ser conivente com erros, faltas éticas, violação de direitos, crimes ou contravenções penais praticadas por psicólogos na prestação de serviços profissionais;

f) Prestar serviços ou vincular o título de psicólogo a serviços de atendimento psicológico cujos procedimentos, técnicas e meios não estejam regulamentados ou reconhecidos pela profissão;

[...]

É de fundamental importância o conhecimento por parte do psicólogo (formado e em formação) a respeito das resoluções especificadas, como Nota Técnica CFP Nº 1/2023 sobre a constelação familiar, considerando-a incompatível eticamente com o exercício da Psicologia, sendo questionada em seus princípios com verdades preconcebidas que

colocam em riscos a subjetividade, dignidade e saúde mental de seus usuários (Conselho Federal de Psicologia, 2023).

A supervisão humanista-psicodramática, aqui proposta e realizada, não como uma história ou versão única, mas configurando-se como uma postura dialógica permanente entre estagiários e supervisor, o foco inicial está na relação entre os presentes, construída segundo os critérios envolvidos: desenvolvimento do papel de psicoterapeuta permeado pelo conhecimento e afetividade. Considera-se que não há aprendizagem significativa sem afeto. Nesse sentido, Freire (2012) afirma que a prática de uma aprendizagem humanizada deve ser revolucionária e libertadora; encontrando ressonância na proposta moreniana do regaste da espontaneidade-criatividade frente às angústias inerentes ao novo papel que o estudante assume no cuidado com aqueles que buscam o serviço de psicoterapia na clínica-escola. A espontaneidade-criatividade é o primeiro alicerce de todo constructo teórico psicodramático (Martin, 1996; Perazzo, 2012), que propõe encararmos os desafios do atendimento psicoterapêutico privilegiando olhar o outro com os olhos dele, aprimorando sua capacidade empática, ouvindo suas necessidades, sem ideias preconcebidas ou imposição de protocolos universais, rígidos ou mesmo respostas prontas, que desconsiderem a singularidade da biografia daquela pessoa que chega à sala de atendimento. Ainda Freire (2012) afirma ser na relação que as pessoas (psicoterapeutas em formação-pacientes; estagiários-supervisor) educam-se, libertam-se; de forma ativa, em comunhão; e não bancária (passivos, sentados num banco, exclusivamente ouvintes). Como o caminho que se faz caminhando, seria o psicoterapeuta a própria “ferramenta”. Como cantam Sater e Teixeira (1992): “Pela longa estrada, eu vou, estrada eu sou.” O principal instrumento de ajuda na relação psicoterapeuta é ele mesmo, sendo a própria estrada, não como caminho único de verdade, mas com sua presença, disponibilidade, estudo, arcabouço teórico-técnico, com sua subjetividade a serviço do outro, em seu processo de busca. Nesse sentido, é na complementariedade de papéis de forma espontâneo-criativa que o processo de ensino-aprendizagem se desenvolve. Ampliando a discussão, nessa relação de supervisão e/ou psicoterapia, dentro desse enfoque, valorizam-se subjetividades em interação do psicoterapeuta e cliente – intersubjetividades, na compreensão e encaminhamentos dos dramas enfrentados pelo estudante e/ou paciente (Ferracini, 2015).

O ambiente da supervisão é distribuído de forma circular, em que todos os envolvidos se vejam, se relacionem, como numa psicoterapia de grupo que tenha por princípio que a

transformação de um é transformação de todos (Perazzo, 2012). A experiência de atendimento apresentada por um estagiário seja cuidada por todo o grupo. Nesse momento, o estagiário que inicialmente narra a cena de atendimento vivenciada, podendo ser dramatizada para maior compreensão, assume o lugar do protagonista, tendo o supervisor o papel de diretor, e os demais participantes, sendo ora ego-auxiliares (ocupam-se de algum papel, havendo uma cena dramática), ou sendo o próprio grupo que irá compartilhar suas impressões, incômodos, dúvidas, esclarecimentos sobre como o relato/cena lhe ressoa, dentro de um clima cooperativo, não acusatório, suspenso de ideais preestabelecidas e generalistas. Moreno (2008) sinaliza que a psicoterapia só começa quando o último membro da humanidade chega, sendo um espaço, assim como nessa perspectiva de supervisão, de inclusão com voz, manifestação de dúvidas e angústias, acolhimento, orientação a todos os envolvidos. Entretanto, Krenak (2020) alerta sobre a necessidade de ultrapassarmos a visão “civilizatória”, denunciando uma concepção antropocêntrica extremamente danosa à manutenção da vida no planeta, do qual a reflexão e a ação dos humanistas-psicodramatistas não podem se apartar. Não é incomum que o sofrimento emocional decorrente do aquecimento global, queimadas, inundações, sintomas físicos serem temas das sessões de psicoterapia. “Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza” (Krenak, 2020, p. 46).

Em meio a toda essa complexidade quando o estudante ocupa o lugar de estagiário em atendimento psicoterapêutico, segundo o Manual de estágio – Serviço-Escola do Curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU (2024), em conformidade com as diretrizes do Conselho Federal de Psicologia - CFP e Associação Brasileira de Ensino de Psicologia – ABEP, durante os últimos dois semestres:

A carga hora dos Estágios específicos 9º e 10º semestre totaliza 99 horas, distribuídas como segue: a) 80 horas dedicadas às metodologias ativas, exposições teóricas, supervisão, apresentação de caso e construção de relatórios. b) 19 horas de atividade prática em conformidade com a área do estágio (Manual de estágio, 2024, p. 30).

São ofertadas as seguintes abordagens, para livre escolha dos estagiários: Psicanálise; Analítico comportamental e Humanista. A supervisão humanista-psicodramática encontra

espaço dentro desta perspectiva, presente nos objetivos do Manual de estágio (2024, p. 16), em:

2. Analisar a diversidade teórica da Psicologia, diferenciando e articulando suas bases epistemológicas. 3. Refletir sobre suas competências e limitações no exercício profissional. 4. Examinar as demandas existentes e realizar o manejo adequado de acordo com os princípios éticos da profissão e direitos humanos. 5. Demonstrar os princípios éticos que regem a prática do profissional de Psicologia.

Destaque-se, em sua contribuição, o olhar humanista-psicodramático na experiência vivida-cenas, por aqueles que buscam a psicoterapia no serviço-escola, antes de qualquer definição, diagnóstico ou intervenção. Angústia trazida pelos pacientes/clientes será o ponto de partida para a relação a ser estabelecida. Neste sentido, Krenak (2020, p. 63-64) explicita:

O que nos resta é viver as experiências, tanto a do desastre quanto a do silêncio. Às vezes nós até queremos viver a experiência do silêncio, mas não a do desastre, pois é muito dolorosa. Nós, Krenak, decidimos que estamos dentro do desastre, ninguém precisa vir tirar a gente daqui, vamos atravessar o deserto, temos que atravessar. Ou toda vez que você vê um deserto você sai correndo? Quando aparecer um deserto, o atravesse.

O psicoterapeuta, portador de sua humanidade e natureza, conhecimento teórico-técnico é convidado a acompanhá-lo em sua jornada de reflexão e ação em sua vida e suas relações.

## **MÉTODO**

Este é um relato de uma experiência a partir das reflexões e discussões sobre a vivência do processo de ensino-aprendizagem dentro do estágio de Clínica Humanista articulada com o Psicodrama. Tem como participantes os próprios autores deste artigo, sendo três estudantes (uma do nono semestre e duas do décimo semestre) e o supervisor do Serviço-Escola do Curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU.

As cenas lecionadas das estudantes, de forma individual, com livre registro, de forma subjetiva; posteriormente foram organizadas e analisadas coletivamente e distribuídas em duas categorias temáticas.

## **RESSONÂNCIAS E DISCUSSÃO: formação de Grupo de Supervisão e Metodologia Ativa**

O espaço da supervisão diferencia-se de outras etapas da formação: conciliação direta entre teoria e prática, ambiente mais intimista com número menor de estudantes, escolha pela abordagem de referência para os atendimentos. A chegada de cada integrante se dá de maneira muito singular. Uns por curiosidade ou identificação pela abordagem, outros pela representatividade étnica, como lugar de pertencimento. O desafio é se os diversos critérios de escolha conseguiram ser unificados, enquanto meio para se desenvolverem juntos como psicoterapeutas:

O primeiro contato com a Supervisão de Estágio em abordagem Humanista englobou, anterior a quaisquer apresentações teóricas, dinâmicas em Psicodrama para conhecimento e integração dos propósitos que permearam a escolha das vivências ali presentes... tal aproximação ocorreu através de atividades como caminhar e conhecer o espaço que se ocuparia, resumir as expectativas em uma só palavra e construir um desenho no quadro coletivamente, elaborando reflexões para a missão conjunta por vir ao longo do semestre com os atendimentos. Houve menções de que, em quase cinco anos de presença acadêmica, aquele teria sido o primeiro envolvimento com tais práticas de integração em Supervisão (Participante O).

Na chegada de um décimo semestre dando de cara com as três abordagens que poderiam ser escolhidas. Vindo de um nono semestre onde a escolha foi a abordagem psicanalítica o qual tinham maiores autores na área de relações raciais. Contudo, na busca de uma representatividade dentro da sala de aula que não tinha sido encontrada nos semestres anteriores veio a escolha na supervisão em humanista. Nos primeiros contatos com a supervisão para experimentação de uma dinâmica psicodramática para conexões com aquele grupo que se seguiria até o fim do semestre.... A busca de uma prática humanizada dentro da clínica também estava acontecendo dentro da supervisão (Participante N).

O primeiro contato com a supervisão trouxe-me um fator impactante de conexão comigo, com o outro e com o grupo, através da proposta de contação de história sob a ótica 'o que te trouxe até a supervisão humanista?'. As pessoas que ali se propuseram se colocaram lado a lado, em círculo, de maneira que pudessem se olhar. Um novelo de lã é trazido como auxiliar, e a atividade consiste em responder o questionamento apresentado, segurar uma ponta da lã e passar o novelo para a próxima pessoa contar a sua história e assim por diante, formando-se uma teia. Essa teia conecta o grupo de forma única, uma analogia também à clínica humanista em que cada relação é única. Essa vivência trouxe reflexões sobre as analogias/metáforas manifestas e como estar aberta a elas no dia a dia pode auxiliar na construção de um olhar mais empático, zeloso e atencioso ao paciente que se apresentará a nossa frente (Participante L).

Faz-se necessário o favorecimento de um ambiente propício para o compartilhamento de experiências significativas de relações de cuidado com os pacientes, bem como seus receios, alegrias, frustrações vividas pelos estudantes. A opção metodológica adotada se dá por meio de dramatizações, jogos que incluam as dimensões: intelectual, afetiva e corporal, enquanto metodologia ativa, quando o eu e o você tornam-se nós.

## Processo de Ensino-aprendizagem

A aquisição de conhecimento ou competências – motivo da presença de estudantes no estágio – sem uma relação coesa, respeitosa, horizontalizada (que inclui a diferenciação de papéis com suas respectivas responsabilidades e compromisso ético), terá seu desenvolvimento prejudicado ou mesmo inviabilizado:

Esse processo tão profundo não seria possível sem a conexão docente-discente-docente, num elo construído através da horizontalização da aprendizagem, respeito aos pensamentos divergentes e orientação afetuosa – ou seja, da humanização da profissão, do ensinamento e de seu processo de aprendizagem. Esse labor do supervisor preconiza passos e relações que cada um edifica de si e do outro, a partir da escuta livre de pré-julgamentos, liberta de padrões, que propicia a ressonância no tom da singularidade individual (Participante L).

Psicoterapia pessoal, formação teórica contínua e supervisão dos casos, conhecidos como tripé para formação do psicólogo. Pensando no primeiro aspecto “Psicoterapia Pessoal”, é possível pensar em autocuidado desse profissional para seguimentos das práticas éticas estabelecidas. E isso pode ter início dentro da sala de aula na supervisão de um estágio clínico ao promover ambiente seguro para narrativas dos estagiários ao quebrar estruturas opressoras (Participante N).

A partir do segundo encontro, o docente trouxe casos clínicos e reflexões sobre as práticas psicológicas de forma a gerar desenvolvimento de senso crítico. Além de discussões sobre o fazer clínico, os alunos também foram instruídos a elaborar ativamente pontos que fazem ou não parte do papel do profissional em Psicologia e dissertar sobre suas conclusões (Participante O).

Compreende-se a supervisão como o papel primordial para a construção do conhecimento desse profissional em formação. A figura da pessoa que supervisiona amplifica a visão de estagiários, ora com sua escuta ativa aberta a novos questionamentos, ora pelas orientações de caminhos metodológicos, referências teóricas, e práticas possíveis. A competência do supervisor em clínica-escola alavanca a espontaneidade, o protagonismo e a autonomia do raciocínio clínico dos formandos, nessa costura entre incentivo às competências individuais e o favorecimento de sua maturidade emocional, ética, profissional e ambientação clínica; as construções de manejo, práticas e postura profissional, caminhos em direção a áreas e especializações.

## CONCLUSÕES

A experiência vivida de forma relacional e coletiva entre todos os participantes da supervisão foi o principal instrumento de desenvolvimento do papel de psicólogos no contexto da clínica. O processo de aprendizagem se deu considerando a dimensão humana dos estudantes, com seus receios, sonhos, frustrações, conquistas, de forma compartilhada, para que se sintam ativamente pertencentes ao espaço acadêmico com voz e continuidade no cuidado e compromisso com sua formação em Psicologia. O Psicodrama dentro da Clínica Humanista buscou conciliar reflexão e ação, nas discussões e dramatizações, para melhor e maior incorporação da vivência subjetiva desenvolvida nos atendimentos psicoterapêuticos. É de fundamental importância proporcionar um espaço de reflexão sobre a epistemologia dos saberes psicológicos a partir de suas dívidas históricas de exclusão e contínua colaboração com a desconstrução das conservas culturais ultrapassadas e disfuncionais. Tendo tais entendimentos, busca-se constituir um ambiente que acolha gente que cuida de gente; assim queremos uma supervisão e uma Psicologia para mim, vocês e nós.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Edição do Kindle.
- BARDUKE, E.V. **Teorias e técnicas humanistas e grupoterapia**. Salvador: Sanar, 2019.
- BRASIL. Resolução CNE /CES n1, de 11 de outubro de 2023. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF; Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior Edição: 201, Seção 1, p. 55, 2023 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/30000-uncategorised/91151-resolucoes-cne-ces2023#:~:text=Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CNE/CES%20n%C2%BA%201,%20de%2011%20de%20outubro%20de%202023> Acesso em: 04 out. 2024.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Carta de serviços sobre estágios e serviços-escola**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, Associação Brasileira de Ensino de Psicologia. 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/09/carta-de-servicos-sobre-estagios-e-servicos-escola12.09-2.pdf> Acesso em: 04 out. 2024.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Nota Técnica CFP N° 1/2023**. Incompatibilidades éticas com o exercício profissional da Psicologia. Brasília: 2023.

Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/03/Nota-Tecnica\\_Constelacao-familiar-03-03-23.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/03/Nota-Tecnica_Constelacao-familiar-03-03-23.pdf) Acesso em: 11 out. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**. Resolução n.º 10/05, 2005. Psicologia, ética e direitos humanos. Brasília: 2005.

FERRACINI, L. G. **A Formação em psicologia no contexto hospitalar**: um estudo de um curso de pós-graduação *latu sensu* por intermédio do psicodrama. Orientador: José Antônio M. Maia de Almeida. 2015. Dissertação (Mestrado) - Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde (CEDESS) da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/server/api/core/bitstreams/15ea98a6-8fa3-4224-8878-9bc0e1719af9/content> Acesso em: 11 out. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

FONSECA, J. Raízes do encontro na psicoterapia: a influência de J. L. Moreno na filosofia dialógica de Martin Buber. **Revista Brasileira de Psicodrama**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 69–93, 2020. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/262>. Acesso em: 6 out. 2024.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Edição do Kindle.

MANUAL DE ESTÁGIO. Coordenação da Clínica-Escola do Curso de Psicologia, Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas. São Paulo: 2024.

MARTIN, E. G. **Psicologia do Encontro: J.L. Moreno**. São Paulo: Ágora, 1996.

MORENO, J. L. **Quem sobreviverá?** Edição Estudante. São Paulo: Daimon, 2008.

MORENO, J. D. Os humanistas. *In*: MORENO, J. D. **Impromptu Man**. São Paulo: FEBRAP, 2016. p. 211-240.

OLIVEIRA, R.C.R.P. Oliveira. Fundamentos da psicologia humanista. *In*: AUGUSTINHO, Aline M. N. *et al.* **Matrizes do pensamento IV**: fenomenologia existencial e humanista. SAGAH, 2022. p. 75-86. VitalBook file.

PERAZZO, S. Psicodrama Grupal. *In*: NERY, M. P; Conceição, M.I.G. **Intervenções grupais, o psicodrama e seus métodos**. São Paulo: Ágora, 2012. p. 73-94.

PERAZZO, S. **Psicodrama, o forro e o avesso**. São Paulo: Ágora, 2010.

SATER, A.; TEIXEIRA, R. Tocando em frente. **Almir Sater ao vivo**. Fonte: Columbia, 1992. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/7dc4iPrMtvqh5lvHa6tf9l>. Acesso em: 09 out. 2024.